

Brizola cai como Getúlio e Jango

640

Quando Leonel Brizola desembarcou de 15 anos de exílio, no feriado de 7 de setembro de 1979, Porto Alegre estava sob grande tensão, por causa de uma greve de bancários, ousada para os padrões políticos da época. A prisão do líder dos grevistas e a chegada do maior inimigo dos militares exatamente no Dia da Pátria tornavam o ambiente mais carregado ainda. Cauteloso, Brizola evitou descer em Porto Alegre, cidade de onde comandou a histórica resistência à tentativa dos ministros militares de impedir a posse de João Goulart, em 1961. Desceu primeiro em Foz do Iguaçu, depois foi para São Borja, onde permaneceu por várias semanas, esperando que o clima de tensão se dissipasse.

Lá em São Borja, repetia quase diariamente aos jornalistas uma história que, para ele, serviria de baliza para a reconstrução de sua carreira política. Dizia que Getúlio Vargas dera um tiro no peito porque não tinha o povo organizado atrás de si. E que Jango fora deposto porque também não organizara o povo. Ele, Brizola, iria primeiro organizar o povo, através de um partido político sólido, para pensar na hipótese de um dia disputar a eleição de presidente da República.

Agora, com a apuração dos votos com que passou a vida sonhando, Brizola pode completar a história que contava em 1979: como Getúlio e Jango, também foi derrotado por não ter o povo organizado atrás de si. O líder grevista que estava na cadeia, na época em que voltava do exílio, ajudou a organizar um partido muito mais sólido do que o dele e se acha a um passo da rampa do Palácio do Planalto. Era o jovem Olívio Dutra, hoje prefeito de Porto Alegre, um discípulo do líder sindical Luís Inácio Lula da Silva, que escrevia em 1979, com as magníficas assembleias de metalúrgicos no ABC paulista, uma das mais importantes páginas da história da reconquista das liberdades democráticas do país.

Esta é uma diferença fundamental que ajuda a entender a vitória de Luís Inácio Lula da Silva sobre Leonel Brizola, na disputa pelo segundo lugar na eleição presidencial. Paradoxalmente, no país que não tem tradição partidária, um partido ajuda a definir um dos candidatos ao turno final da disputa pela Presidência. As urnas mostraram que em matéria de voto o PT de Lula e de Olívio é hoje o maior partido brasileiro, com uma organização, uma militância e uma abrangência que vão do cidadão de classe média das grandes cidades ao operário das indústrias de tecnologia mais sofisticada; do morador sofrido da periferia dos maiores centros ao agricultor do mais distante interior do Brasil.

É claro que Lula, para surpresa de muitos, conquistou tanto voto porque é uma idéia nova na política brasileira e tomou de Fernando Collor de Mello pedaço da bandeira de principal candidato de oposição a tudo e a todos. O partido, com seus braços espalhados por outras organizações da sociedade, com prática política distante do modelo tradicional, ajudou muito. As diferenças com o PDT de Brizola são evidentes. Enquanto Lula perde dias de discussões partidárias, por exemplo, aberto às contradições de uma legenda que abriga também grupos políticos quase clandestinos, os mais importantes dirigentes do PDT até temem contestar Brizola, em religioso respeito à sua condição de líder popular.

Este é dos trunfos de Lula para o segundo turno da eleição. Fernando Collor de Mello não tem partido. Ele é, por enquanto, um grito forte, uma personalidade marcante, carismática. Se levou multidões aos seus comícios bem produzidos no interior e nunca realizados nas grandes capitais, não chega a ser uma emoção nacional. Ninguém foi às ruas, por exemplo, em canto algum do país, para comemorar a espetacular vitória de um ex-governador de estado pequeno, que após seis meses sob fogo cruzado de todos os adversários, alvo das mais meticulosas investigações em sua vida particular e política, tira o primeiro lugar nos dois maiores colégios eleitorais, São Paulo e Minas Gerais, e obtém quase 30% de todos os votos. As urnas mostraram o gigantesco tamanho do fenômeno Collor, mas também exibiram o que pode ser seu ponto fraco, diante de um adversário com partido estruturado e consistente.

O segundo turno entre os dois, cada um com métodos e recursos próprios, será como um combate entre uma guerra de guerrilha e uma guerra convencional. Não se pode dizer antecipadamente que há favorito. Começará tudo de novo. Numa eleição que tem como marca uma grande confusão ideológica, não se deve acreditar que porções parecidas simplesmente se juntem e produzam uma vitória. É tão possível que um eleitor de Paulo Maluf ou Afif Domingos vote em Lula, como um eleitor de Brizola pode apoiar Collor. O voto em grande parte dança sem lógica, ao sabor da consciência do eleitor, sem se submeter a arranjos das elites políticas, ou a qualquer tentativa de manipulação.

É isso que as elites do país demoram a perceber. Elas não conseguirão controlar a multidão de eleitores de mais baixa renda e de instrução primária, essa legião de pobres, miseráveis e desprotegidos que afinal, 100 anos depois de Deodoro e cinco depois de Tancredo, está proclamando a verdadeira nova República. É essa legião que Brizola não conseguiu organizar em dez anos.

Marcelo Pontes